

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
6 e 20 de Novembro de 2025

THE MAN I LOVE / 1929

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / Argumento: Herman J. Mankiewicz e Percy Heath / Direcção de Fotografia: Henry W. Gerrard / Guarda-Roupa: Travis Banton / Montagem: Allyson Shaffer / Interpretação: Richard Arlen (Dum-Dum Brooks), Mary Brian (Celia Fields), Olga Baclanova (Sonia Barondoff), Harry Green (Curly Bloom), Jack Oakie (Lew Layton), Pat O'Malley (DJ McCarthy), Leslie Fenton (Carlo Vesper), Charles Sullivan (Champ Mahoney), etc.

Produção: Paramount / Produtor: David O. Selznick / Cópia 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 70 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

“Camera movement I loved, and then I got awfully sick of it”

- William Wellman, citado por Frank T. Thompson

Também Wellman, naqueles anos loucos e muito confusos que imediatamente se seguiram à chegada dos “talkies”, andou a fazer de empreiteiro em pequenas produções rotineiras, puramente alimentícias (alimentícias para o mercado e para quem ganhava um salário a fazê-las), que para além dessa função de manter a máquina industrial a rodar só se justificavam pela exploração da grande novidade técnica daquele tempo, o som. O caso de Wellman que em 1929, ano do filme que vamos ver, era um homem jovem (33 anos), não terá sido tão dramático como o de outros realizadores que vinham de uma larga experiência no mudo (Allan Dwan vem imediatamente ao espírito quando se pensa nisto), que acabaram o período dos “silents” em grande, mas que de um dia para o outro passaram a ser considerados “velhas carcaças” inadaptáveis aos “novos tempos”, e removidos da primeira linha. Mas que em dois anos tenha passado de grandiosidade de um filme como **Wings** (1927) a uma produção(zinha) tão banal como **The Man I Love**, filme aliás inserido numa pequena série de produções de cariz semelhante em que Wellman se viu envolvido neste período, não deixa de ser um pouco impressionante nem de exprimir as profundas convulsões que a chegada do sonoro trouxe à organização do cinema hollywoodiano.

Não que Wellman se queixasse, ou sentisse que estava a ser vítima de alguma coisa. Era pragmático e não conseguia estar quieto – e também nisso a perfeita encarnação de uma estirpe de cineastas que o tempo viria a extinguir, sobretudo a partir do momento em que todos passaram a ser “autores” que só se envolvem nos “projectos certos”, invariavelmente construídos à medida dos desejos e caprichos do “autor”, e o etc. e tal que tão bem conhecemos dos nossos dias. A biografia de Wellman escrita por Frank T.

Thompson (*William A. Wellman*) contém uma boa citação do realizador que plenamente explica e justifica a sua actividade neste período histórico (e, em boa verdade, em muitos outros momentos da sua carreira). É assim: “*O Frank Capra, por exemplo, é capaz de se interessar por um projecto, encontrar um argumentista para trabalhar o argumento com ele, encarregar-se da escolha do elenco, certificar-se de que está tudo pronto e só depois filmar – e nisto, pode passar-se um ano. Eu não conseguiria. Ia chatear-me como o raio. Enquanto o Frank faz um filme, eu faço seis*”.

The Man I Love, como outros filmes deste período, é um bom exemplo desta disposição pragmática de *action man* e, de certa forma, tem que ser entendido, sobretudo quando inserido numa retrospectiva como esta, “de autor”, à luz dela. Importa realçar, contudo, que nada nesta disposição deve ser entendido como indiferença ou como autorização para o *n’importe quoi*. Não é só “profissionalismo”, é compromisso: compromisso com o *métier*, com o *métier* de realizador, um puro *ethos* que é totalmente imune à escala e ao teor da produção. O espectador notará que **The Man I Love**, filme bem do período em que Wellman estava “apaixonado pelos movimentos de câmara”, que depois “enjoou” (sic), contém pelo menos dois dos mais intrincados e “modernos” travellings (o Scorsese mais energético, o que vai dos anos 70 a **Goodfellas**, podia bem ter-se inspirado neles para alguns dos seus momentos mais exuberantes quando se tratava de encenar em movimento e plano-sequência), que vêm plenamente na linha das coisas que tinha ensaiado em **Wings** (*aquele* famosíssimo movimento de câmara), e que evidentemente não são apenas uma questão “técnica” mas de pura *mise en scène* visto que se trata de pensar e conceber a relação entre actores, décors e câmara como uma unidade indivisível. Como todos os grandes cineastas “de estúdio”, Wellman não se submete ao material que tem para filmar; Wellman eleva, pela *mise en scène*, o material que tem para filmar.

Eleva e, de algum modo, comenta, com um humor e um espírito de irrisão um pouco sabotador que sendo muito wellmaniano tem também a ver com a *estirpe* (se pensarmos, por exemplo, na forma como ao primeiro filme sonoro que realizou, **On Purge Bébé**, Jean Renoir fez troça do som usando-o para registar o som de um autoclismo em fora de campo). Um dos encargos a que Wellman não se podia furtar neste filme era aos momentos musicais, que serviam para ilustrar o espectáculo do cinema sonoro e que em muitos filmes eram metidos a martelo. **The Man I Love** contém um precedente hilariante para um célebre momento (diz-se que *impromptu*) de Groucho Marx num daqueles filmes tardios (**The Big Store**) dos Irmãos que estavam pejados de momentos musicais chatíssimos – quando Groucho aparecia entre a câmara e os cantores e, olhos nos olhos com o espectador, dizia-lhe algo como “vocês têm sorte, podem aproveitar para ir ao foyer fumar um cigarro, mas eu tenho que ficar aqui a gramar esta estucha”. Wellman faz algo parecido, no momento em que (por um movimento de câmara, lá está), enquadra em grande plano o olhar de um cavalo, por um tempo considerável (quase um minuto), enquanto a cantora (Mary Brian) fica a cantar no fora de campo. A indiferença do olhar do cavalo é o comentário perfeito, como se Wellman sugerisse que a única cumplicidade possível, naquela cena, é com o animal. É verdadeiramente um momento genial.

Luís Miguel Oliveira